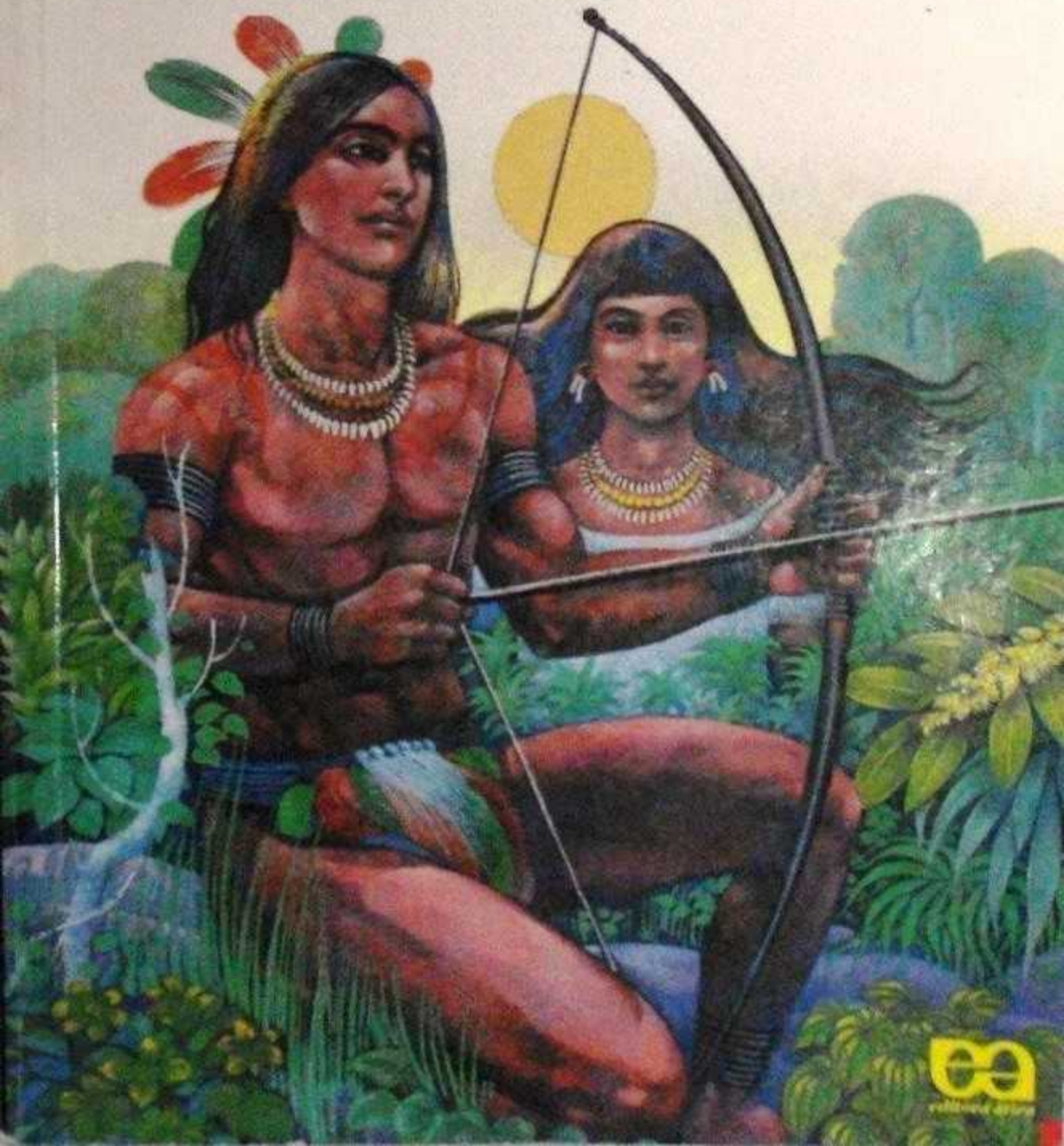
Série Bom Livro

José de Alencar

UBIRAJARA



Romantismo

"A literatura romântica é a única, ainda, suscetível de ser aperfeiçoada, porque, tendo as suas raízes no nosso próprio solo, é a única que pode crescer e frutificar de novo: ela exprime a nossa religião; ela lembra a nossa história; a sua origem é remota, mas não greco-latina.

A poesia clássica tem de passar pelas reminiscências do paganismo para chegar até nós; a poesia dos germanos é a era cristã das belas-artes: serve-se de nossas impressões pessoais para nos comover: o gênio que a inspira dirige-se diretamente ao nosso coração e parece evocar a nossa própria vida como a um fantasma, o mais poderoso e o mais terrível de todos."

Madame de Staël,
Da Alemanha

***A liberdade guia o povo*, tela de Eugène Delacroix, 1830**

No decorrer da história literária do Ocidente, defrontamo-nos com alguns momentos perturbadores da ordem estética. Funcionando como verdadeiros marcos dentro da história da humanidade, esses períodos criam as condições necessárias, apesar da perplexidade inicial que geralmente os acompanha, para a implantação de mudanças sensíveis no momento histórico vivido. Nesse sentido e ainda dentro de uma perspectiva estética revolucionária, desenvolve-se entre o período final do século XVIII e a primeira metade do século XIX um momento literário que abre ao mundo às portas da contemporaneidade: o Romantismo.

Como todo acontecimento de grande proporção, o Romantismo produz uma série de obstáculos que dificultam a compreensão de sua totalidade. Logo, qualquer tentativa de reduzi-lo a uma mera definição conceitual revela-se, de imediato, insuficiente para determinar os seus vários aspectos. A vaguidade que ronda seu nome, pinçado junto aos romances medievais de aventuras, confere-lhe uma dificuldade a mais. No entanto, em sua essência, podemos dizer que o Romantismo representou a grande resposta estética aos dois principais acontecimentos históricos que introduziram o homem nos tempos modernos: a Revolução Industrial e, principalmente, a Revolução Francesa.

Assim, de um lado, ancorado nas mudanças resultantes desses dois acontecimentos, o homem romântico, consagrado por um sentido de missão, assume uma atitude que se volta, ao mesmo tempo, para a compreensão de suas mais íntimas contradições e também para a concretização do desejo de se constituir na principal voz da nação, buscando no seu próprio passado as raízes do discurso nacionalista.

Por outro lado, além dessa preocupação nacionalista, o Romantismo quebra a uniformidade da razão do classicismo e, em seu lugar, instaura a liberdade plena do indivíduo com sua emoção desejosa de enterrar a contenção clássica. Agora, o sentimento romântico, calcado nessa emoção, embala os sonhos conflituosos que cercam os artistas românticos. É no sonho, lugar em que a realidade se encontra transfigurada, que – segundo o crítico Otto Maria Carpeaux – "*nos é dado o que o dia nos recusa: o mundo mágico da onipotência e dos desejos*".

Romantismo brasileiro

***O massacre de Scio*, tela de Eugène Delacroix, 1830**

1836-1881

O início do Romantismo no Brasil se deu em torno do grupo liderado pelo poeta carioca Gonçalves de Magalhães. A maior preocupação do grupo, ao editar em Paris a *Revista Niteróy*, era a de formular as bases de uma literatura nacional que representasse no plano artístico o mesmo que a independência representou no plano político. A primeira tentativa literária de cunho romântico foi o livro *Suspiros Poéticos* e *Saudades*, do próprio Magalhães, editado em 1836.

No Brasil, a poesia romântica produziu três gerações de poetas:

A primeira, conhecida como *Nacionalista* ou *Indianista* ocupou-se com a consolidação de uma literatura nacional mais voltada aos aspectos locais. Elegendo a natureza tropical e o índio como símbolos da nação brasileira, essa geração teve como principal destaque o poeta maranhense Gonçalves Dias. A segunda geração, conhecida como *Ultra-romântica* ou *do Mal-do-Século* ou, ainda, *Byroniana* ou *Mussetiana* distanciou-se tematicamente da anterior, privilegiando notadamente o subjetivismo, à Byron[1] e à Musset[2]. O grande poeta desse segundo momento romântico foi Álvares de Azevedo. Finalmente, a terceira geração, chamada de *Condoreira* ou *Hugoana* (devido à influência sobre ela exercida pela obra do poeta francês Victor Hugo), assume as questões sociais como tema central e encontra o seu apogeu na vozes dos poetas Castro Alves e Joaquim de Sousândrade.

Com o advento do romance dentro do Romantismo, temos a complementação do programa nacionalista levado a toque de caixa pelos artistas brasileiros. Aqui, em função da necessidade imperiosa de **se exprimir**, o nosso romance, com sua fome de espaço e uma ânsia de apalpar o país, nos deixa como sendo talvez o seu maior legado um universo que consiste, segundo Antonio Candido, "*menos de tipos, personagens e peripécias do que certas regiões tornadas literárias, a seqüência narrativa inserindo-se no ambiente, quase escravizada a ele. Assim, o que vai se formando e permanecendo na imaginação do feitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social*".

Na realidade, o romance, de tonalidade folhetinesca, processa uma radiografia do país e, ciente de suas próprias limitações impostas pela opção nacionalista, produz a expressão de uma realidade tipicamente brasileira, ilustrando assim o seu engajamento na construção de uma nova sociedade.

***Natureza morta*, óleo sobre tela de Agostinho da Motta, 1830**

1 Lord Byron (George Gordon – 1788-1824): Poeta inglês cuja poesia exprime sobretudo uma repugnância pela vida e uma extrema melancolia.
2 Alfred de Musset (1810-1857): Poeta francês cuja poesia exprime sobretudo o amor, a dor e a dificuldade de viver.

Ubirajara

José de Alencar

Sinopse

Compondo a trilogia indianista da obra de José de Alencar, ao lado de *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865), *Ubirajara* (1874) diferencia-se dos outros dois romances pelo fato de a sua narrativa se passar num Brasil pré-cabrálico, isto é, antes da chegada dos colonizadores portugueses. De certo modo, afinado com o ideal romântico de construir uma imagem de herói nacional que se contraponha ao colonizador português, José de Alencar procura, já na "advertência" que inicia seu livro, mostrar um índio que, despido dos preconceitos que lhe foram impostos pelos antigos cronistas e primeiros colonizadores, caracteriza-se por um ideal de coragem e honra que o aproxima, e muito, dos cavaleiros medievais.

Quem por desfastio[1] percorrer estas páginas, — escreve Alencar — se não tiver estudado com alma brasileira o berço de nossa nacionalidade, há de estranhar em outras coisas a magnanimidade que ressumbra[2] no drama selvagem a formar-lhe o vigoroso relevo.

Como admitir que bárbaros, quais nos pintaram os indígenas, brutos e canibais, antes feras que homens, fossem suscetíveis desses brios nativos que realçam a dignidade do rei da criação?

Os historiadores, cronistas e viajantes da primeira época, senão de todo o período colonial, devem ser lidos à luz de uma crítica severa. É indispensável sobretudo escoimar[3] os fatos comprovados, das fábulas a que serviam de mote, e das apreciações a que os sujeitavam espíritos acanhados, por demais imbuídos de uma intolerância ríspida.

Homens cultos, filhos de uma sociedade velha e curtida por longo trato de séculos, queriam esses forasteiros achar nos indígenas de um mundo novo e segregado da civilização universal uma perfeita conformidade de idéias e costumes. Não se lembravam, ou não sabiam, que eles mesmos provinham de bárbaros ainda mais ferozes e grosseiros do que os selvagens americanos.

(...) As coisas mais poéticas, os traços mais generosos e cavaleirescos do caráter dos selvagens, os sentimentos mais nobres desses filhos da natureza são deturpados por uma linguagem imprópria, quando não acontece lançarem à conta dos indígenas as extravagâncias de uma imaginação desbragada[4].

(...) Faço estas advertências para que ao lerem as palavras textuais dos cronistas citados nas notas seguintes não se deixem impressionar por suas apreciações muitas vezes ridículas. É indispensável escoimar o fato dos comentos[5] de que vem acompanhado, para fazer uma idéia exata dos costumes e índole dos selvagens.

(José de Alencar, "Advertência", *In: Ubirajara*)

1 Por desfastio – para entreter-se.
2 Ressumbrar – deixar transparecer, revelar, denotar.
3 Escoimar – livrar de impurezas, limpar.
4 Desbragada – descomedido, indecoroso.
5 Comentos- comentários.

Essa defesa do índio por Alencar em *Ubirajara* se dá não somente na "advertência" do livro, mas também na série de notas explicativas que acompanham o texto. Tais notas possuem um duplo papel: primeiro, servem para dar verossimilhança à visão que Alencar apresenta do índio brasileiro; segundo, funcionam como suporte antropológico a essa visão. O segundo papel esclarece de que tratam as notas em sua maior parte: da cultura dos índios, de suas relações sociais e com a natureza, com base nos escritos de vários estudiosos dos indígenas, desde a chegada dos portugueses ao continente americano.

Entretanto, apesar desse cuidado, segundo o crítico Silvano Santiago, em *Ubirajara*, José de Alencar na recriação da sociedade indígena transpôs várias características da sociedade patriarcal do Segundo Reinado. "A visão que tem Alencar da sociedade indígena – escreve o crítico – é, pois, calcada na sua própria atitude ideológica dentro da sociedade brasileira do Segundo Reinado. Ambas as sociedades se apresentavam solidamente estruturadas, fechadas em valores de chefia (poder), nobreza (coragem) e glória (feitos guerreiros)".

Desse modo, a lógica que preside a narrativa é buscada na gênese de um mito fundador que, em última instância, representa o próprio desejo da sociedade brasileira de então. Influenciado pela valorização dos cavaleiros medievais feitos pelo Romantismo europeu, Alencar faz com que o personagem principal de seu livro, isto é, o próprio Ubirajara, seja caracterizado por uma superioridade imanente que se sobrepõe a tudo e a todos, dando-lhe, inclusive, um estatuto de herói épico.

O nome de guerra conquistado através do combate de morte concede ao herói uma caracterização épica, já que esta é a história da luta pela afirmação de um povo. O mundo de Ubirajara, seus hábitos, seus símbolos, suas vestimentas, tudo assevera as marcas da sua comunidade, representando os valores assentados na sociedade brasileira de então. Quando caçador, o herói se sobrepõe aos mais ferozes animais da floresta e, de antemão, fabrica a lança, marca do seu futuro nome guerreiro. A imagem do objeto como idéia de grandeza e vigor enfatiza e complementa a característica possante do protagonista: "Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além no grosso tronco da emburana. A copa frondosa ramalhou, como as palmas do coqueiro ao sopro do vento, e o tronco gemeu até a raiz. O caçador repousa à sombra de sua lança."

Ao designar o nome de Ubirajara ("senhor da lança"), cria-se para o índio o distintivo de coragem, força e determinação, mesmo sendo ainda o jovem Jaguarê, "o mais feroz jaguar da floresta", características imprescindíveis ao símbolo nacional. No percurso da narrativa, vemos a sua vida como um ato de afirmação dos ideais cavaleirescos, os quais se impõem como a soma de qualidades e destinos de sua raça. Tudo nele é a confirmação de uma comunidade, por isso, possui um instinto vital que galvaniza energias e se transforma no dominador dos conflitos e acontecimentos que ele mesmo põe a descoberto. Ainda caçador, Jaguarê tem o poder sobre tudo o que há na floresta: "os outros fogem espavoridos quando de longe o pressentem."

Todos os acontecimentos do romance visam a reforçar essa característica magnânime do herói, o que nos permite considerar a obra como uma singela interpretação do período possante do país, fruto da necessidade de definir nossa imagem ideal. Essa imagem ideal envolveu o herói em fundamentos bíblicos, retomando o ambiente edênico que abarcou desde os primórdios do descobrimento do Brasil. Alicerçado na atmosfera nacionalista, oriunda do processo de emancipação política, o romântico brasileiro elege o índio e a natureza como seus símbolos máximos e principais disseminadores da almejada imagem de autonomia nacional, em decorrência dos seus "sentimentos puros", isentos da presença pecaminosa da civilização.

(Mirhiane Mendes Abreu, *Ubirajara, herói épico*, IEL/Unicamp)

Antes de nos atermos propriamente a aventuras e glórias de *Ubirajara*, vejamos rapidamente a importância do Romantismo e de sua prosa para a literatura brasileira.

O Romantismo no Brasil

O início do Romantismo no Brasil deu-se em torno do grupo liderado pelo poeta carioca Gonçalves de Magalhães. A maior preocupação do grupo, ao publicar em 1836, a *Revista Niterói*, em Paris, era a de formular as bases de uma literatura nacional que representasse no plano artístico a mesma coisa que a independência representou no plano político. A primeira tentativa literária de cunho romântico foi o livro *Suspiros poéticos e saudades*, do próprio Magalhães, também publicado no mesmo ano da revista. Dessa forma, tanto a revista quanto o livro do poeta carioca constituíram o marco inicial do Romantismo brasileiro.

A epígrafe da *Revista Niterói* — "Tudo pelo Brasil, e para o Brasil" — traduz e demarca, de antemão, a importância que o caráter nacionalista vai assumir no nosso Romantismo. Se, de um lado, o Arcadismo possibilitou a adequação da literatura brasileira aos padrões europeus; de outro, coube ao movimento romântico, embalado pelo recente processo de independência, realizar a nossa integração ao presente. A coincidência histórica entre a Independência e o Romantismo favoreceu, e muito, o desenvolvimento de um instinto patriótico que levou não só a literatura como também todas as artes em geral a se preocuparem com um desejo único, isto é, o de expressar as características do Brasil, como país novo e livre.

Em linhas gerais, o Romantismo no Brasil assume um caráter empenhado, já que aqui os escritores deveriam contribuir para a definição de uma literatura nacional comprometida com a necessidade de também definir uma identidade coletiva para o país. Essa identidade não só implicava diretamente a fabulação de uma imagem de país, como também refletia o discurso necessário de unidade nacional que se fortalecia na esteira do processo de centralização do poder político iniciado no final do período regencial e posteriormente consolidado com a ascensão de D. Pedro II ao trono. Nesse sentido, ao dominar o acanhado ambiente intelectual do Brasil, a literatura romântica ocupará o papel central na configuração dessa imagem, já que será a responsável pela formulação de uma visão de país que, à força de muita repetição, terá o intuito de homogeneizar em nós a idéia de nação.

Com efeito, a literatura foi considerada parcela dum esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação. Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso. Construir uma "literatura nacional" é afã, quase divisa, proclamada nos documentos do tempo até se tornar enfadonha.

[...] A Independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da idéia romântica, para a qual contribuiu pelo menos com três elementos (...) a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do nativismo; b) desejo de criar uma literatura independente, (...); c) a noção da atividade intelectual...[como] tarefa patriótica na construção nacional.

(Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*)

Além dessa preocupação nacionalista, não podemos nos esquecer de salientar que o Romantismo no Brasil também absorveu as grandes posturas românticas, tais como a extrema valorização do subjetivismo, a evasão da realidade — o predomínio do sonho e da imaginação, a idealização do amor e da mulher etc.

A prosa romântica

Como gênero literário, o romance apareceu no Brasil durante o Romantismo e sua difusão está ligada diretamente ao fato de ter sido formado aqui um público leitor. Divulgados sobretudo pelo folhetim, isto é, seções nos jornais que traziam um capítulo por vez, os romances, inicialmente traduções dos escritores europeus, foram aos poucos conquistando seu espaço no universo literário brasileiro. Não demorou muito e logo os escritores brasileiros começaram a se aventurar na construção de seus próprios textos.

O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito do que o atual: eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias; eram, enfim, um tipo de leitor à procura de entretenimento, que não percebia muito bem a diferença de grau entre um Macedo e um Alencar urbano. Para esses devoradores de folhetins franceses, divulgados em massa a partir de 1830/1840, uma trama rica de acidentes bastava como pedra de toque do bom romance. À medida que os nossos narradores iam aclimando à paisagem e ao meio nacional os esquemas surpresas e de fim feliz dos modelos europeus, o mesmo público acrescia ao prazer da urdidura o do reconhecimento ou da auto-idealização.

(Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*)

Com o advento do romance no Romantismo, temos a complementação do programa nacionalista levado a toque de caixa pelos artistas brasileiros. Aqui, por causa da necessidade imperiosa de **se exprimir**, o nosso romance, com sua fome de espaço e uma ânsia de apalpar o país, deixa-nos, como talvez o seu maior legado, um universo que consiste, segundo Antonio Candido, "menos de tipos, personagens e peripécias do que certas regiões tornadas literárias, e seqüência narrativa inserindo-se no ambiente, quase escravizado a ele. Assim, o que vai se formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social". Na realidade, o romance processa uma radiografia do país e, ciente de suas próprias limitações, produz a expressão de uma realidade tipicamente brasileira, ilustrando assim o seu engajamento na construção de uma nova sociedade.

Entretanto, apesar dessa preocupação como pano de fundo, os romances brasileiros procuraram também corresponder às expectativas estéticas do sentimentalismo romântico. Assim, em linhas gerais, o eixo principal dos enredos era, sem dúvida, o amor. A sua realização era o combustível que movia as personagens na busca da felicidade plena. Outro aspecto importante na caracterização delas era a concepção maniqueísta que povoava os livros, isto é, as personagens ou eram boas em todas as suas atitudes ou eram más. Dessa forma, "o mocinho" do livro está sempre disposto a se sacrificar por uma boa causa ou pelo amor de sua amada.

Resumo do enredo

Ubirajara (1874)

– Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma a serpente.

Ubirajara é um romance relativamente curto e possui apenas nove capítulos. Vejamos, a seguir, um breve resumo de cada um deles:

I. O caçador

"Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o jovem caçador." Assim começa o enredo de *Ubirajara*. Sozinho na floresta o índio Jaguarê, cujo nome indica que ele é um caçador forte que foi capaz de matar um jaguar, busca agora encontrar um adversário digno para poder lutar e vencer e assim tornar-se, como reza a tradição indígena, um guerreiro e conseqüentemente ganhar um novo nome.

Durante três dias, o índio procurou por tal adversário. No entanto, ele depara com uma jovem mulher: Araci, a grande estrela. A bela índia, pertencente à tribo tocantim, desperta imediatamente o interesse do caçador da tribo Araguaia. Apesar de já ter uma noiva, Jandira, Jaguarê pede à jovem que convoque os cem guerreiros tocantins para desafiá-lo.

Após a partida da virgem, aparece Pojucã, "o matador de gente, guerreiro chefe da terrível nação tocantim". Jaguarê o desafia. Os dois índios travam então uma luta ferrenha entre si. Depois de várias tentativas de terminar o combate, Jaguarê finalmente vence Pojucã, ferindo-o com sua lança. Enquanto o corpo do segundo tombava, cravado pelo dardo, o primeiro soltou um grito triunfante:

"– Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma a serpente".

II. O guerreiro

De volta à taba araguaia, e acompanhado do adversário vencido, o agora Ubirajara é festejado por todos, inclusive seu pai, Camacã, que por ser o dono do arco da nação é o chefes dos guerreiros. Diante de seu feito, e comprovado pelo reconhecimento público da derrota por Pojucã, Camacã dá o arco, símbolo do chefe na guerra, ao filho:

"– Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante".

De longe, Jandira observava a consagração de seu noivo e apenas "sentiu não ser já esposa, para ter orgulho de encher de vinho espumante, por ela fabricado, a taça de seu herói e senhor".

III. A noiva

"Ao raiar da luz no céu, Jandira abriu os lindos olhos negros. (...) A virgem araguaia acreditava ter dormido a última noite na cabana paterna, que essa manhã ia trocar pela cabana do esposo". Jandira preparou-se para a consumação de seu sonho. No entanto, passa o dia e a noite e seu herói não aparece. A jovem índia resolve então ir atrás de seu noivo.

"No mais escuro da mata, vaga o chefe dos araguaias". Ao nascer do dia, o guerreiro relembra o sonho que tivera com Araci que lhe disse:

"– Jaguarê, jovem caçador, tu dormes descansado enquanto os guerreiros tocantins se preparam para roubar a virgem de teus amores. Ergue-te e parte, se não queres chegar tarde".

Enquanto pensava na virgem tocantim, "Ubirajara ouviu o rumor de um passo ligeiro através da mata; de longe conheceu Jandira que o procurava". Questionado pela noiva sobre o seu repentino desaparecimento, o guerreiro responde:

"– Filha de Majé, doce virgem, ainda não chegou o dia em que Ubirajara escolha uma esposa; nem ele sabe ainda qual o seio que Tupã destinou para gerar o primeiro filho do grande chefe dos araguaias".

Diante da resposta do herói, "o lábio de Jandira emudeceu; (...) A virgem conheceu que o amor de Ubirajara retirava-se dela, e que de todo o perderia se o não defendesse".

Enquanto a virgem se entristecia pela decisão do herói, Pojucã aguardava na aldeia araguaia o seu destino. O guerreiro esperava ter uma morte justa e esperava que Ubirajara não o mantivesse prisioneiro. Pojucã ainda estava envolto com seus pensamentos, quando rompe da selva Ubirajara, seguido de Jandira, e se encaminha para a cabana do prisioneiro. O guerreiro derrotado questiona o herói sobre o porquê de este ainda não lhe ter dado o alívio do sacrifício. Ubirajara então responde:

"– Ubirajara não recusa ao bravo chefe tocantim, seu terrível inimigo, o suplício, que não negaria a qualquer guerreiro valente. Ele esperava que tua ferida se fechasse de todo, para que o grande Pojucã possa, no dia do último combate, sustentar a fama de seu nome, e a glória de um varão que só foi vencido por Ubirajara".

Como era costume dos araguaias, o prisioneiro deveria receber "a mais bela e a mais ilustre de todas as virgens da taba, para que ela conserve o sangue generoso do herói inimigo e aumente a nobreza e o valor de sua nação". Ubirajara escolhe Jandira para ser a "esposa do túmulo". Jandira, sabendo que sua recusa pode significar a sua morte, resolve fugir. Sozinha na mata, a virgem Araguaia entoou uma canção triste: "fui Jandira, a linda abelha, que fabricava favos de cera para enchê-los de mel saboroso. Agora arrancaram-me as minhas asas com que eu voava pela campina colhendo o pó das flores e secou a doçura do meu sorriso. (...) Agora eu queria ter no coração uma serpente para morder aquela que roubou-me o amor de meu guerreiro. (...) Agora sou como a juçara que perdeu a folha, e só tem espinhos para ferir aqueles que se chegam".

Ao comunicar ao conselho dos anciãos essa sua decisão de escolher Jandira, Ubirajara acrescenta que se ausentará por alguns dias da taba.

IV. A hospitalidade

Ubirajara se dirige à taba dos tocantins e, como era costume, foi bem recebido, pois "o hóspede mandava na taba aonde Tupã o conduzia". O herói caminhou até a cabana mais alta que ficava no centro da taba, era a cabana de Itaquê. Uma festa foi rapidamente organizada por Jacamim, mulher de Itaquê, em homenagem a Ubirajara. O conselho de anciãos discute um nome para dar ao visitante, pois como também rezava a tradição este não precisava se identificar. Depois de várias sugestões, o próprio Ubirajara disse se chamar Jurandir: "aquele que veio trazido pela luz do céu".

" Neste momento, Araci, a estrela do dia, apareceu por entre as palmeiras e caminhou para a cabana". A virgem logo reconheceu o caçador Araguaia e "adivinhou que ele viera à cabana de Itaquê para disputar sua beleza aos guerreiros Tocantins. (...) A lei da hospitalidade proibia à virgem revelar o segredo do estrangeiro, só dela sabido".

Ubirajara, isto é, Jurandir, contava ao conselho de anciãos suas aventuras pelas terras amazônicas, conhecendo, inclusive, as amazonas guerreiras. Araci então se aproximou e disse ao herói que "não é na terra das mulheres guerreiras que o estrangeiro deve buscar a esposa, mas na taba de sua nação, onde Tupã guarda para seu valor a mais bela das virgens, aquela que tem o sorriso de mel", ou seja, Jandira. A resposta de Jurandir, olhando para Araci, foi a de que ele "sabe onde encontrará a virgem que deseja para esposa. A luz do céu o guia,e nada resiste à força de seu braço".

A festa na cabana de Itaquê só terminou à noite e como "o rito da hospitalidade, entre os filhos da floresta, manda que se dê ao estrangeiro amigo tudo que deleita o guerreiro", várias moças vieram oferecer sua beleza para que Jurandir escolhece uma para partilhar sua rede na cabana hospedeira. Jurandir não escolhe nenhuma, pois afirma que "não veio à cabana de Itaquê para gozar do amor de uma noite; ele

veio buscar a esposa que há acompanhá-lo até à morte". Quando a virgem tocantim escutou tais palavras "cobriu-se de sorrisos" e disse ao herói: "Os sonhos disseram a Araci, duas noites seguidas, que o jovem caçador chegaria à cabana de Itaquê; ela te esperou. Quando meus olhos te viram (...) logo conheceram que tu vinhas buscar a esposa".

V. Servo do amor

Depois de revelar suas intenções à Araci, o herói pede-lhe que o leve até Itaquê a quem diz:

"– Grande chefe dos tocantins, Jurandir não veio à tua cabana para receber a hospitalidade; veio para servir ao pai de Araci, a formosa virgem, a quem escolheu para esposa. Permite que ele a mereça por sua constância no trabalho, e que a dispute aos outros guerreiros pela força de seu braço". A concordância de Itaquê faz com que Jurandir, a partir desse momento, se torne um "servo do amor" e, como tal, devia trabalhar para o pai de sua noiva.

"Nunca a abundância reinara na cabana sempre farta dos chefes dos tocantins, como depois que a ela chegara o estrangeiro. Jurandir era o maior caçador das florestas e o primeiro pescador dos rios. (...) Nada escapava à destreza de sua mão".

"O costume da taba não consentia que a virgem desejada pelos servos do amor preferisse um guerreiro, antes de saber se ele a obteria por esposa". No entanto, a preferência de Araci por Jurandir era visível, tanto que era na hora do banho de Araci que recebia o abraço do herói: "encontravam-se no fundo do rio, enquanto durava a respiração. Depois desprendiam-se do abraço e surgiam longe um do outro".

Numa tarde, Jurandir reconhece na floresta o rastro de Jandira. Araci entrou na floresta, pois "precisava de plumas vermelhas para o cocar que ela tecia em segredo". Quando se preparava para atingir a arara, Araci escutou um rumor: "Jurandir estava perto dela e segurava o braço de uma mulher, que ainda tinha na mão a macana [espécie de tacape] afiada. Araci imediatamente reconheceu a virgem Araguaia pela faixa de algodão entretecida de penas, (...) e adivinhou que era Jandira, a noiva do guerreiro". O herói diz para Jandira que ela irá morrer por ter tentado "matar a virgem que Jurandir escolheu para esposa". Nesse instante, Araci intervém: "– A virgem araguaia ameaçou a vida de Araci; ela lhe pertence".

O guerreiro então atou as mãos de Jandira e entregou-a, como escrava, à Araci. As duas virgens ficaram sozinhas na floresta. Araci diz à rival que, quando não possuir mais a beleza, ela consentirá que Jandira durma na rede do guerreiro. Jandira responde dizendo que jamais ofereceria sua rede de esposa "e aquela que recebesse o amor de seu guerreiro morreria por sua mão". Araci explica então que "ama seu guerreiro, como Jacamim ama Itaquê. A cabana do grande chefe dos tocantins está cheia de servas, mas seu amor nunca abandonou a esposa". Araci então propõe que Jandira se torne sua irmã e também dê um filho a Jurandir. Araci liberta Jandira, mas essa não aceita, pois "– A vontade de Ubirajara atou os braços de Jandira; ela rejeita a liberdade dada por ti. Araci pode ser preferida; porém, não será mais generosa do que a filha de Majé".

VI. O combate nupcial

"Chegou o dia, em que os noivos de Araci deviam disputar a posse da formosa virgem. Era a hora em que o sol transpondo a crista da montanha, estende pelo vale sua araçóia d'ouro. A grande nação tocantim cerca a vasta campina. No centro estão os anciões (...). Em frente aparece Araci, a estrela do dia, que há de ser o prêmio da constância e fortaleza do mais destro guerreiro".

Além de Jurandir, há vários principais pretendentes que desejam a virgem tocantim: Pirajá, "o grande pescador e senhor dos peixes do rio"; Araribóia, "a grande serpente da lagoa"; Cauatá, "o corredor da floresta"; Cori, "O altivo pinheiro".

Ao sinal de Itaquê, o combate começa. Os guerreiros vão caindo um após o outro. Cori, o único que permanece em pé, deve então enfrentar Jurandir. O herói, diante do cansaço do outro, se dispõe a lutar apenas com as mãos e "arremessou a [sua] arma aos pés do adversário. Cori, pensando que seu rival

o atacava, desfechou-lhe um golpe. Mas Jurandir aparou-o na mão firme e, arrebatando o tacape que o ameaçava, arrancou o guerreiro do chão".

"Jurandir ficou só no campo", esperando a prova seguinte: "era preciso que o guerreiro, à disparada, levantasse do chão, sem parar, o toro de madeira; e se defendesse dos rivais que o assaltavam para tomá-lo". Jurandir foi vencedor, "como o gavião arrebata a presa". A terceira prova foi preparada pelo pajé que diz: "– Não basta que o guerreiro seja forte e valente, para merecer a esposa. É preciso que tenha constância do varão, e não se perturbe com o sofrimento". Dito isso, o pajé ofereceu a Jurandir um vaso em que ele deveria enfiar a mão, o "camucim da constância continha um formigueiro de saúvas" que, famintas, "se preparavam para dilacerar a primeira vítima que lhe caísse nas garras". Jurandir não esboçou qualquer reação de sofrimento e, para realçar seu amor por Araci, "seus ternos lábios soltaram o canto de amor. (...) O ferrão da saúva dói mais que o espinho da juçara; mas Jurandir acha o mel dos lábios de Araci mais doce do que o coco da palmeira. Jurandir despreza a dor".

Finalmente, para ter sua virgem, o herói deveria correr atrás dela, nesta prova: "a virgem podia mostrar seu agrado pelo vencedor; ou livrar-se de um esposo, que não soubera ganhar-lhe o afeto". "Araci voava pela campina" e "quando mostrou a todos que Jurandir não a alcançaria nunca, se ela quisesse fugir-lhe, reclinou a cabeça para esconder o rubor. Jurandir abriu os braços e recebeu a esposa que se entregava a seu amor".

Sozinhos, Jurandir e Araci, trocam entre si confidências de amor. Tomando-a nos braços, Jurandir se prepara para entrar na cabana. Nesse instante, "soou um clamor; chegaram os guerreiros que vinham chamar o vencedor à presença de Itaquê". O conselho de anciões tinha decidido que "o vencedor antes de receber a esposa, devia declarar quem era; pois fora recebido como estrangeiro, e ninguém na taba o conhecia".

VII. A guerra

Diante de Itaquê, Jurandir esclarece sua identidade: "Eu sou Ubirajara, o senhor da lança; e o maior guerreiro depois do grande Camacã, cujo sangue me gerou". Em seguida, o herói conta como se tornou Ubirajara, ou seja, como venceu Pojucã.

A revelação causa um grande mal-estar entre os tocantins, já que Pojucã, na verdade, era filho de Itaquê e Jacamim, portanto, irmão de Araci. Impedido de vingar seu filho, uma vez que Ubirajara era seu hóspede, Itaquê pede que o herói deixe sua taba: "– Parte. O sol que viu o estrangeiro na cabana hospedeira o acompanhará amigo; mas com a sombra da noite, mil guerreiros, (...), partirão para levar-te a morte". Aceito o desafio da guerra, o guerreiro Araguaia parte. Araci quis ir com ele, mas Ubirajara recusa sua companhia, afirmando que como ainda não tinha rompido a liga de Araci, isto é, a marca de sua virgindade, ela deveria ficar na cabana onde nasceu. Para consolar sua noiva, Ubirajara diz que vai pedir "ao gavião suas asas para voltar ao seio de Araci".

Passados dois dias, Ubirajara retorna à sua tribo. A primeira coisa que faz é libertar Pojucã: "– Tu és livre, Pojucã; parte e voa, que a guerra dos araguaias te segue os passos".

Quando os araguaias, guiados por Ubirajara, partem para a guerra, um novo fato acontece, isto é, uma outra nação, os tapuias, prepara-se para atacar os tocantins. O guerreiro araguaia então envia um mensageiro aos tapuias. Assim diante do chefe tapuia Canicrã, o enviado de Ubirajara, Murinhém, diz; "– Ubirajara te manda que encostes o tacape da guerra. A nação tocantim aceitou sua flecha de desafio, e ele não consente que ninguém combata seu inimigo, antes de o ter vencido".

Os chefes das tribos começam então a discutir, através do mensageiro, o impasse. Ubirajara resolve esperar que tocantins e tapuias guerreiem entre si, não sem antes alertar a todos sobre a segurança de Araci que ficará na cabana sob a guarda do herói e quem ousar penetrar na cabana "sofrerá a morte vil do covarde".

VIII. A batalha

"A um lado da imensa campina move-se a multidão dos guerreiros tocantins, do outro lado, a multidão dos guerreiros tapuias. As duas nações se estendem como dois lagos formados pelas grandes chuvas, que se transformam em rios e atravessam o vale". A batalha começa, Itaquê e Canicrã defrontam-se. "Era preciso que um deles morresse para que o vencedor encostasse o tacape do combate e desse repouso à sua nação para reparar os estragos da guerra. Quando os dois chefes se encontraram, os guerreiros de um e outro campo ficaram imóveis, contemplando o pavoroso combate".

A briga entre os dois chefes prosseguia até que Itaquê desfechara um poderoso golpe, fazendo com que tanto o tacape quanto o escudo de Canicrã se espedaçassem em suas mãos, deixando-o à mercê de Itaquê. Nesse momento, Pahã, filho mais novo de Canicrã e exímio atirador de fechas, dispara duas setas que varam os olhos de Itaquê. "Foi então que Itaquê soltou o rugido pavoroso que fez tremer a terra. (...) Itaquê estendera os braços, hirtos como duas garras de condor. A mão direita abarcou o penacho e a cabeleira de Canicrã, a esquerda entrou pela boca do tapuia e travou-lhe o queixo. Separaram-se os braços do guerreiro cego, e a cabeça de Canicrã abriu-se como um coco que se fende pelo meio. Agitando no ar o crânio sangrento como um maracá de guerra, Itaquê arrojou-se contra os inimigos, buscando a morte que lhe fugia. Quando o sol entrou, não havia na campina a sombra de um tapuia".

Ubirajara acompanhou o embate dos chefes, lamentando o fato de que dos dois guerreiros não restasse nenhum para enfrentá-lo. Viu também como Pahã fugiu. O herói então chama um jovem caçador Tubim e pede-lhe que faça Pahã prisioneiro. "Quando os vaga-lumes começaram a luzir no escuro da mata, ele estava de volta ao campo dos araguaias; e trazia o curumim fechado nos braços". Por esse feito, Tubim recebe de Ubirajara o nome de Abeguar, "senhor do vôo".

Na manhã seguinte, Ubirajara envia seu mensageiro, Murinhém, com mais vinte guerreiros e o jovem Pahã até a aldeia tocantim. Murinhém diz a Itaquê: "Ubirajara envia a Itaquê o resto da vingança. Este é Pahã, o filho de Canicrã. Ele te roubou a vista; mas não salvou o pai de tua mão terrível. Faze do curumim tapuia um mancebo tocantim; e ele será a luz dos teus olhos e caminhará na frente do grande chefe para abrir-lhe o caminho da guerra". Itaquê, no entanto, prefere conceder liberdade ao jovem tapuia.

Diante da cegueira de Itaquê, um novo problema surgiu para a nação tocantim, pois era necessário eleger um novo chefe que pudesse empunhar o arco da tribo e guiá-la na guerra contra os araguaias. "Os mais famosos guerreiros tocantins se apresentaram para disputar o grande arco; muitos conseguiram vergá-lo, mas a seta não partiu". Então Itaquê chamou seu filho Pojucã que, não somente conseguiu vergar o arco, como lançou a seta na cabeça do chefe tapuia que estava fincada na entrada da aldeia. Itaquê, entretanto, não ficou satisfeito, pois ele ouviu o bramir da arma, mas "não era, porém, aquele o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante".

IX. União dos arcos

"Os tapuias voltaram; com eles vinha Agniná à frente de sua nação, para vingar a morte de Canicrã, seu irmão. Era grande a multidão dos guerreiros; e maior a tornavam a sanha da vingança e a fama do chefe que a conduzia". Entretanto, para os tocantins se defenderem dos tapuias era necessário que um novo chefe os conduzisse, já que Itaquê estava cego. A solução do problema foi dada pelo próprio Itaquê: "– A voz do coração diz ao neto de Tocantim que a glória da nação que ele gerou não se pode extinguir. O sangue de Itaquê, passando pelo seio de Araci, se unirá a outro sangue generoso para brotar maior e mais ilustre", isto é, Ubirajara.

Conduzido por Araci até a presença de Ubirajara, o velho guerreiro disse-lhe: "– Chefe dos araguaias, tu levaste a guerra à taba dos tocantins para conquistar Araci, a filha de minha velhice. Por teu heroísmo, e ainda mais pela nobreza com que restituísse a liberdade a Pojucã, tu merecias uma esposa do sangue de Tocantim. (...) O arco de Itaquê é como o gavião que perdeu as asas e não pode mais levar a morte ao inimigo. As andorinhas zombam de suas garras. Empunha o arco de Itaquê, chefe dos araguaias, e tu conquistarás por teu heroísmo uma esposa e uma nação".

Ubirajara aceita o arco de Itaquê e dispara com ele uma seta. Logo depois, o herói pega o arco de

Camacã e dispara uma segunda flecha que transpassa a primeira. Então Ubirajara diz ser estas duas setas unidas o símbolo da união dos dois povos.

Depois de ser aclamado por todos, Ubirajara dirige-se à Araci: "– Araci, estrela do dia, tu pertences a Ubirajara, que te conquistou pela força de seu braço. Agora que é senhor, ele espera a tua vontade. A formosa virgem rompeu a liga vermelha que lhe cingia a perna e atou-a ao pulso de seu guerreiro. Ubirajara tomou a esposa aos ombros e levou-a à cabana do casamento. O jasmineiro semeava de flores perfumadas a rede do amor".

No outro dia, quando o sol rompia "os tapuias estenderam pela campina a multidão de seus guerreiros. Ubirajara escolheu mil guerreiros araguaias e mil guerreiros tocantins, com que saiu ao encontro dos tapuias". A batalha então começa. O herói araguaia, munido de sua lança de duas pontas, avança ferozmente sobre seus inimigos, bradando seu grito de guerra. No primeiro bote, caiu Agniná, depois dele caíram mais dois dos chefes tapuias. Assim triunfante, Ubirajara soltou seu grito: "– Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma uma serpente. Eu sou Ubirajara, o senhor das nações, o chefe dos chefes, que varre a terra, como o vento do deserto". Desse dia em diante nunca mais um tapuia pisou as margens do grande rio.

"Ubirajara voltou à cabana, onde o esperava Araci.

A esposa despiu as armas de seu guerreiro, enxugou-lhe o corpo. (...) Encheu depois de generoso cauim a taça vermelha feita do coco da sapucaia; e aplacou a sede do combate.

Enquanto nas grandes tabas se preparava a festa do triunfo e o herói repousava na rede, Araci foi ao terreiro e voltou conduzindo Jandira pela mão.

– Jandira é irmã de Araci, tua esposa. Ubirajara é o chefe dos chefes, senhor do arco das duas nações. Ele deve repartir seu amor por elas, como repartiu a sua força.

A virgem araguaia pôs no guerreiro seus olhos de corça.

– Jandira é serva de tua esposa; seu amor a obrigou a querer o que tu queres. Ela ficará em tua cabana para ensinar a tuas filhas como uma virgem araguaia ama seu guerreiro.

Ubirajara cingiu ao peito, com um e outro braço, a esposa e a virgem.

– Araci é a esposa do chefe tocantim; Jandira será esposa do chefe araguaia; ambas serão as mães dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes e o senhor da floresta.

As duas nações, dos araguaias e dos tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do herói.

Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.

Mais tarde, quando vieram os caramurus, guerreiros do mar, ela campeava ainda nas margens do grande rio".

Foco narrativo

O tom grandiloqüente e épico dessa história é dado, sem dúvida, pela força do narrador onisciente, em terceira pessoa. Dominando completamente a história, o narrador vai compondo um rico painel dos costumes da sociedade indígena.

Vejamos, por exemplo, o início do livro, em que, em meio à natureza, aparece o herói:

Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o jovem caçador.

O arco pende-lhe ao ombro, esquecido e inútil. As flechas dormem no coldre da uiraçaba.

Os veados saltam das moitas de ubaia e vêm retouçar na grama, zombando do caçador.

Jaguarê não vê o tímido campeiro, seus olhos buscam um inimigo capaz de resistir-lhe ao braço robusto.

O rugido do jaguar abala a floresta; mas o caçador também despreza o jaguar, que já cansou de vencer.

Ele chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fogem espavoridos quando de longe o pressentem.

Além desse narrador onisciente, é possível ainda detectar a presença de um outro narrador, isto é, o das notas explicativas que acompanham o romance. Ao primeiro narrador, a crítica Mirhiane Abreu denomina-o "narrador contemplativo"; e, ao segundo, "narrador histórico".

Observando a obra [*Ubirajara*] em detalhe, percebe-se que a tessitura da narrativa não é tão simples como possa parecer à primeira vista. Paralelamente ao enredo, correm as notas, uma espécie de didática indigenista, em que o narrador, por um lado, documenta os episódios da trama e, por outro, procura separar os "fatos" apresentados pelos cronistas dos seus "comentos", beneficiando a visão "autêntica" da índole dos selvagens. Há, então, duas vozes que se complementam: a primeira é a do "narrador contemplativo", que apresenta os episódios do enredo; a segunda, do "narrador histórico", presente nas muito constantes notas de rodapé, e cuja finalidade é, através dos comentários dos textos dos cronistas, missionários e viajantes, a de garantir a veracidade dos acontecimentos descritos pelo primeiro.

Classifica-se o primeiro narrador de "contemplativo" pela particularidade épica da obra, ou seja, ele narra os acontecimentos de um passado remoto (onde tudo é essencialmente bom), com grande reverência e contemplação por se tratar de seu predecessor. O outro, o "histórico", é assim denominado por analisar os documentos escolhidos para subsidiar os valores morais levantados pelo anterior. Um e outro se complementam. Para Alencar, portanto, não bastava o caráter épico de sua narrativa, que por si só já seria suficiente para assegurar a elevação do objeto narrado. Era preciso buscar o aval da cultura européia, a qual exerce, por intermédio das notas, plena influência no texto, por ser o espelho no qual se reflete o romance. Trocando em miúdos, é a antiga civilização, através do seu discurso, quem ampara e justifica a energia e a fortaleza dos gestos e das ações do símbolo nacional. O "narrador contemplativo" posiciona-se a fim de construir a face mais dinâmica da obra. É ele quem dá vida ao herói e às suas ações. O "narrador histórico", por sua vez, enfeixa os elementos levantados pelo anterior, organiza-os a fim de que se compreendam a gênese e o alcance da narrativa. Com seu olhar poderoso, funciona no texto como censura severa, que concede a interpretação "exata", uma tentativa de guiar o leitor para encontrar os caminhos por ele previamente programados. Nesse caso, as notas exercem o papel de uma cerca, delimitam o espaço e apontam o percurso para o qual a leitura deve ser dirigida, a fim de se concluir que o romance representa a nossa fundação mítica.

(Mirhiane Mendes Abreu, *Ubirajara, herói épico*, IEL/Unicamp)

Personagens

No processo de caracterização das personagens de seu livro, José de Alencar procurou ter um cuidado todo especial, sobretudo com a escolha dos nomes das personagens principais, pois tais nomes refletem diretamente a personalidade das personagens.

Personagens principais

Ubirajara

É o herói do livro e caracteriza-se sobretudo por sua força e coragem. Em relação a ele é preciso destacar que, ao longo do livro, o herói muda de nome algumas vezes. Tais mudanças estão de acordo com a situação vivida por ele em cada momento da narrativa. Inicialmente, é Jaguarê ("jaguar, onça"), o grande caçador da floresta; depois, Ubirajara (o "senhor da lança"), seu nome de guerreiro, e chefe dos araguaias; por fim, usa o nome de Jurandir ("o que veio trazido pela luz") enquanto é hóspede dos tocantins.

Araci

"A grande estrela do dia", filha do grande chefe tocantim, Itaquê, por quem Ubirajara se apaixona e que para conquistá-la é obrigado a lutar e vencer todos os seus pretendentes tocantins.

Jandira

"Que fabrica mel", virgem Araguaia, filha de Majé, e noiva prometida a Ubirajara. Desprezada pelo herói, Jandira tenta matar Araci, porém Ubirajara não somente impede o crime como também torna Jandira escrava de Araci.

Pojucã

"Eu mato gente", guerreiro tocantim, filho de Itaquê e irmão de Araci, que é vencido por Ubirajara.

Personagens secundárias

Camacã

É o principal chefe dos araguaias e pai de Ubirajara.

Itaquê

Velho chefe dos tocantins.

Jacamim

Mulher de Itaquê.

Canicrã

Chefe dos tapuias.

Pahã

Filho mais novo de Canicrã, foi ele que, com suas setas precisas, cegou Itaquê.

Tempo e espaço

O espaço tem uma importância fundamental na narrativa. Descrito pela perspectiva romântica, o cenário da história é marcado pela predominância da natureza brasileira. Elevada ao extremo, essa natureza não só adquire uma representação paradisíaca, mas sobretudo é compreendida como um elemento diferenciador e inerente à nacionalidade brasileira.

Para sobrevalorizar ainda mais o herói, Alencar subordina a ele a própria natureza.

A imagem de vasta região sugere a grandeza dos elementos que a natureza comporá. (...) Nesse momento em que a narrativa se volta para Jaguarê, destacam-se algumas cenas do fastio do caçador, cansado de a todos vencer. Integrado harmoniosamente à paisagem, insinua-se um perfil de plena intimidade com o espaço, inclusive tendo em resposta a seu rugido o urro do tigre e o ronco da sucuri. Desse modo, a natureza subordina-se à autoridade do caçador; logo, é significativo que a abertura do cenário seja eminente, pois é sobre essa eminência que reina o herói. A fisionomia exuberante do rio gera no leitor o modo de o homem primitivo apossar-se do espaço paradisíaco e imprime nessa primeira cena o palco onde se travarão os conflitos da narrativa.

(Mirhiane Mendes Abreu, *Ubirajara, herói épico*, IEL/Unicamp)

Para comprovar o que afirma a crítica, vejamos, a seguir, o início do livro:

I. O caçador

"Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o jovem caçador.

O arco pende-lhe ao ombro, esquecido e inútil. As flechas dormem no coldre da uiraçaba.

Os veados saltam das moitas de ubaia e vêm retouçar na grama, zombando do caçador.

Jaguarê não vê o tímido campeiro, seus olhos buscam um inimigo capaz de resistir-lhe ao braço robusto.

O rugido do jaguar abala a floresta; mas o caçador também despreza o jaguar, que já cansou de vencer.

Ele chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fogem espavoridos quando de longe o pressentem.

Não é esse o inimigo que procura, porém outro mais terrível para vencê-lo em combate de morte e ganhar nome de guerra.

Jaguarê chegou à idade em que o mancebo troca a fama do caçador pela glória do guerreiro.

Para ser aclamado guerreiro por sua nação é preciso que o jovem caçador conquiste esse título por uma grande façanha.

Por isso deixou a taba dos seus e a presença de Jandira, a virgem formosa que lhe guarda o seio de esposa.

Mas o sol três vezes guiou o passo rápido do caçador através das campinas, e três vezes como agora deitou-se além nas montanhas da Aratuba sem mostrar-lhe um inimigo digno de seu valor.

A sombra vai descendo da serra pelo vale e a tristeza cai da fronte sobre a face de Jaguarê.

O jovem caçador empunha a lança de duas pontas, feita da roxa craúba, mais rija que o ferro.

Nenhum guerreiro brandiu jamais essa arma terrível, que sua mão primeiro fabricou.

Lá estaca o jovem caçador no meio da campina. Volvendo ao céu o olhar torvo e iracundo, solta ainda uma vez seu grito de guerra.

O bramido rolou pela amplidão da mata e foi morrer longe nas cavernas da montanha.

Respondeu o ronco da sucuri na madre do rio e o urro do tigre escondido na furna; mas outro grito de guerra não acudiu ao desafio do caçador.

Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além no grosso tronco da emburana.

A copa frondosa ramalhou, como as palmas do coqueiro ao sopro do vento, e o tronco gemeu até à raiz.

O caçador repousa à sombra de sua lança.

Já o desenvolvimento temporal de o *Ubirajara* ocorre de maneira cronológica. A rigor, não podemos afirmar quando exatamente a história se passa. No entanto, a ausência do colonizador branco faz com que o tempo da narrativa se desenvolva em algum momento antes da chegada dos portugueses ao Brasil.

Linguagem

Como já dissemos no início deste estudo, em razão da necessidade imperiosa de *se exprimir*, o romance brasileiro que se constrói no Romantismo tem com sua fome de espaço uma ânsia incontida de querer apalpar o país. Em *Ubirajara*, José de Alencar ilustra muito bem essa necessidade ao lançar mão de uma linguagem carregada sobretudo de adjetivos.

Além dessa necessidade de se exprimir, um outro aspecto importante da linguagem em *Ubirajara* está relacionado ao fato de Alencar, para reforçar uma espécie de caráter mítico fundante de seu livro, lançar mão de um estilo de linguagem que procura aproximar seu texto do estilo bíblico que caracteriza o *Gênesis*. Assim, se na Bíblia é narrada, em versículos, a criação do homem por Deus, em o *Ubirajara* é narrada, por meio de pequenos parágrafos que lembram igualmente versículos, a gênese de um novo povo, isto é, os autênticos brasileiros: os Ubirajaras.

As duas nações, dos araguaias e dos tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do herói.

Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.

Mais tarde, quando vieram os caramurus, guerreiros do mar, ela campeava ainda nas margens do grande rio.

Biografia & obras

José Martiniano de Alencar (1829-1877) nasceu em Mecejana, no Ceará. Em 1844, matriculou-se nos cursos preparatórios à faculdade de Direito de São Paulo, começando os estudos em 1846. Fundou, nessa época, a revista *Ensaios literários*, em que publicou o artigo "Questões de estilo". Em 1854, estreou como folhetinista no Correio Mercantil. Em 1856, sob o pseudônimo de Ig, criticou o poema "A confederação dos tamoios", de Gonçalves de Magalhães. Em 1859, ano em que se formou em Direito pela Faculdade do Recife, tornou-se Chefe da Secretaria do Ministério da Justiça, sendo consultor desta instituição. Casou-se, em 1864, com Ana Cochrane. Em 1868, tornou-se Ministro da Justiça e, em 1869, candidatou-se ao Senado. Deixou o Ministério em 1870, voltando à Câmara dos Deputados, em oposição ao imperador Pedro II. Faleceu no Rio de Janeiro, vítima de tuberculose.

Romance: *Cinco minutos* (1856); *O guarani* (1857); *A viuvinha* (1857); *Lucíola* (1862); *Diva* (1864); *Iracema* (1865); *As minas de prata* (1862-1866); *O gaúcho* (1870); *A pata da gazela* (1870); *A guerra dos mascastes* (1871-1873); *O tronco do ipê* (1871); *Sonhos d´ouro* (1872); *Til* (1872); *Alfarrábios* (contendo *O garatuja*, *O ermitão da glória* e *A alma de Lázaro*) (1873); *Ubirajara* (1874); *Senhora* (1875); *O sertanejo* (1875) *Encarnação* (1877). **Teatro**: *O crédito* (1857); *A noite de São João* (1857); *Verso e reverso* (1857); *Demônio familiar* (1857); *As asas de um anjo* (1858); *Mãe* (1860); *A expiação* (1967); *O jesuíta* (1875). **Crônica**: *Ao correr da pena* (1854). **Autobiografia**: *Como e por que sou romancista* (1893).

Trechos para leitura

I. O caçador

A luta entre Jaguarê e Pojucã

Os dois campeões recuaram passo a passo até que se acharam a um tiro de arco.
Então soltaram o grito de guerra e se arremessaram um contra o outro brandindo o tacape.

***

Os tacapes toparam no ar e os dois guerreiros rodaram como as torrentes impetuosas no remoinho da Itaoca.

Dez vezes as clavas bateram, e dez vezes volveram para bater de novo.

Os animais que passavam na floresta fugiram espavoridos, como se a borrasca ribombasse no céu.

Ainda uma vez encontraram-se os dois tacapes e voaram em lascas pelos ares.

– O ubiratã é forte; mas há outro ubiratã que lhe resiste. Como o braço de Pojucã é que não há outro braço. Já viste, jovem caçador, o veado nas garras da jibóia? Assim vais morrer.

– Se tu fosses a cascavel que somente sabe morder, Jaguarê te esmagaria a cabeça com o pé e seguiria seu caminho. Mas tu és a jibóia feroz; e Jaguarê gosta de estrangular a jibóia. Não morrerás pelo pé, mas pela mão do caçador. Lança teu bote, guerreiro tocantim.

Pojucã estendeu os braços e estreitou os rins de Jaguarê, que por sua vez cingiu os lombos do guerreiro.

Cada um dos campeões pôs na luta todas as suas forças, bastantes para arrancar o tronco mais robusto da mata.

Ambos, porém, ficaram imóveis. Eram dois jatobás que nasceram juntos e entrelaçaram os galhos ligando-se no mesmo tronco.

Nada os desprende; nada os abala. O tufão passa bramindo sem agitá-los; e eles permanecem quedos pelo volver dos tempos.

Um pajé que passou na orla da mata viu os lutadores e esconjurou-os pensando que eram as almas de dois guerreiros presos no abraço da morte.

Já a sombra se desdobrava pelo vale fora e o sol despedia-se dos cimos dos montes, sem que os campeões se movessem.

Por fim afrouxaram os braços e cada lutador recuou para contemplar seu adversário. Nenhum mostrava no rosto sombra de fadiga.

Conheceram que podiam lutar corpo a corpo, a noite inteira, sem que um prostrasse o outro.

– Tu és igual na valentia e na força ao guerreiro chefe da nação tocantim. Mas Pojucã não consente que haja na terra quem resista a seu braço. É preciso que tu morras, Jaguarê, para que ele seja o primeiro dos guerreiros que o sol alumia.

– Pojucã, matador de gente, guerreiro feroz da nação tocantim, Jaguarê deixou-te viver até este momento para saber se tu eras digno de dar-lhe um nome de guerra. Agora que te conhece como o primeiro dos guerreiros que existiram até este momento, ele quer que tua derrota seja a sua primeira façanha.

Disse e arrancando do tronco da emburana a lança de duas pontas caminhou outra vez para Pojucã.

– Esta arma que tu vês é a lança de duas pontas. Jaguarê fabricou-a do rijo galho da craúba, endurecido pelo fogo. Sua mão foi a primeira que a arremessou e teu corpo é o primeiro cujo sangue ela vai beber. Empunha a lança de duas pontas, guerreiro chefe, e ataca Jaguarê para receberes a morte dos valentes.

***

Pojucã repeliu a lança que o jovem caçador lhe apresentara.

– Jamais no combate um guerreiro tocantim atacará seu adversário desarmado; nem Pojucã precisa da lança. Ataca tu, Jaguarê, que não tens confiança em teu braço; o de Pojucã basta para te prostrar.

– O orgulho te cega, guerreiro chefe. A lança conhece Jaguarê que a inventou e lhe obedece como o arpão à corda do pescador. Aperta-a bem em tua mão robusta, e Jaguarê estará duas vezes mais armado do que tu, que não sabes manejá-la.

O chefe tocantim cruzou os braços.

– Toma a lança, Pojucã, se não queres que te chame covarde; pois tu sabes que Jaguarê não te matará desarmado, mas te abandonará como indigno de combater com o filho do maior guerreiro araguaia, o grande Camacã.

O chefe tocantim arrojou-se contra Jaguarê que travou-lhe dos pulsos, e outra vez os dois campeões ficaram imóveis.

A noite veio achá-los na mesma posição. Três vezes cessaram a luta, de novo a travaram. Mas afinal se convenceram que nenhum derrubaria o outro.

***

Então Pojucã disse:

– Guerreiro araguaia, é preciso acabar o combate. A terra não chega para dois guerreiros como nós. Finca no chão a lança e caminhemos até a margem do rio. Aquele que primeiro chegar, será o senhor da lança e da vida do outro.

Assim fizeram os dois campeões. Chegados à margem do rio, dispararam a corrida. Ao mesmo tempo a mão de ambos tocou a haste da lança; mas Jaguarê, arremessado pelo ímpeto da desfilada, não pôde arrancar a arma que ficou na mão de Pojucã.

O guerreiro chefe enrista desdenhosamente a lança e caminha para Jaguarê. Não vai como o guerreiro que marcha ao combate, mas como o matador que se prepara para imolar a vítima.

– Guerreiro chefe, Jaguarê não te quer matar como a serpente que ataca o descuidado caçador. Dez vezes já, se quisesse, ele te houvera ferido com tua própria mão.

– Abandona a glória do guerreiro, que não é para ti, nhengaíba. Pojucã te concederá a vida e te levará cativo à taba dos tocantins para que tu cantes as suas façanhas na festa dos guerreiros.

– Cativo serás tu, mas não para cantar os feitos dos guerreiros. Tu servirás na taba dos araguaias para ajudar as velhas a varrer a oca.

Arremessou-se Pojucã avante e desfechou o golpe; mas a lança rodara e foi o chefe tocantim quem recebeu no peito a ponta farpada.

Quando o corpo robusto de Pojucã tombava, cravado pelo dardo, Jaguarê d'um salto calcou a mão direita sobre o ombro esquerdo do vencido, e brandindo a arma sangrenta, soltou o grito do triunfo:

– Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma a serpente. Reconhece o teu vencedor, Pojucã, e proclama o primeiro dos guerreiros, pois te venceu a ti, o maior guerreiro que existiu antes dele.

– Se meu valor, que serviu para aumentar a tua fama, merece de ti uma graça, não deixes que Pojucã sofra mais um instante a vergonha de sua derrota.

– Não, chefe tocantim. Tu me acompanharás à taba dos araguaias para narrar o meu valor. A fama de Jaguarê precisa de um prisioneiro como o grande Pojucã na festa da vitória.

– Tu és cruel, guerreiro da lança; mas fica certo que se tua arma traiçoeira feriu-me o peito, o suplício não vencerá a constância do varão tocantim, que sabe afrontar as iras de Tupã e desprezar a vingança dos araguaias.

VIII. A batalha

A batalha entre tocantins e tapuias

A um lado da imensa campina move-se a multidão dos guerreiros tocantins, do outro lado, a multidão dos guerreiros tapuias.

As duas nações se estendem como dois lagos formados pelas grandes chuvas, que se transformam em rios e atravessam o vale.

De um e outro campo levantou-se a pocema guerreira; e os dois povos arremetendo travaram a batalha.

Itaquê achou-se em frente de Canicrã. Ambos se buscavam; dez vezes tinham combatido; vencedores ambos, nenhum fora vencido.

Enquanto viverem os formidáveis guerreiros, não é possível quebrar a flecha da paz entre as duas nações.

Era preciso que um deles morresse para que o vencedor encostasse o tacape do combate e desse repouso à sua nação para reparar os estragos da guerra.

Quando os dois chefes se encontraram, os guerreiros de um e outro campo ficaram imóveis, contemplando o pavoroso combate.

Ubirajara de longe, apoiado em seu grande arco, admirava os dois guerreiros e pensava qual não seria o seu orgulho em vencê-los ambos.

Durava a peleja o espaço de uma sombra. Em torno dos chefes lastravam o chão os tacapes e escudos que se tinham espedaçado aos golpes de cada um.

Imóveis no mesmo lugar, só agitavam a cabeça e os braços; semelhantes a dois condores, que de garras presas aos píncaros do rochedo, se dilaceram com o bico adunco.

Um rugido espantoso atroou pela campina, que estremeceu a batalha e rolou pelas profundezas da floresta.

Pahã, a seta, era o último filho de Canicrã. Ainda curumim, pelejava ao lado do irmão, o guerreiro Crebã, cujo ombro mal alcançava com o braço.

Ele tinha nos olhos a vista da gaivota, e nas setas de seu arco, feitas de espinho de ouriço, a velocidade e a certeza do vôo do guanumbi.

Quando caçava na floresta, divertia-se em matar as mutucas traspassando-as com suas flechas, que voavam mais rápidas e certeiras que as vespas venenosas.

Pahã saltara sobre os ombros do guerreiro Crebã para assistir ao combate. Admirando o valor de Canicrã, teve orgulho e inveja do pai.

Itaquê desfechara tão formidável golpe, que o tacape e escudo de Canicrã se espedaçaram em suas mãos, deixando-o à mercê do inimigo.

O chefe tocantim arrojou-se, e já sua mão descia sobre a espádua do tapuia para fazê-lo prisioneiro.

O arco de Pahã sibilou duas vezes. Os olhos de Itaquê, os olhos do varão forte que nunca umedecera uma lágrima, choraram sangue.

As setas do curumim tinham vazado as pupilas do fero guerreiro, cuja vista era raio. Assim a jandaia rói o grelo do prócero coqueiro.

Foi então que Itaquê soltou o rugido pavoroso que fez tremer a terra. Mas o grito de espanto soçobrou no peito dos guerreiros e rompeu em um grito de horror.

Itaquê estendera os braços, hirtos como duas garras de condor. A mão direita abarcou o penacho e a cabeleira de Canicrã, a esquerda entrou pela boca do tapuia e travou-lhe o queixo.

Separaram-se os braços do guerreiro cego, e a cabeça de Canicrã abriu-se como um coco que se fende pelo meio.

Agitando no ar o crânio sangrento como um maracá de guerra, Itaquê arrojou-se contra os inimigos, buscando a morte que lhe fugia.

Quando o sol entrou, não havia na campina a sombra de um tapuia.

O velho herói voltou à cabana conduzido por Pojucã:

– Tupã viu que Itaquê não podia ser vencido pela mão dos homens; e quis vencê-lo ele mesmo pela mão de um menino.

IX. União dos arcos

A união das tribos araguaia e tocantins: o triunfo de Ubirajara

Os tapuias voltaram; com eles vinha Agniná à frente de sua nação, para vingar a morte de Canicrã, seu irmão.

Era grande a multidão dos guerreiros; e maior a tornavam a sanha da vingança e a fama do chefe que a conduzia.

Não eram tantos os tocantins; mas bastaria seu valor para igualá-los, se não lhes faltasse a cabeça, que rege o corpo.

A poderosa nação estava como o bando de caitetus que perdeu o pai e desgarra-se pela floresta, correndo sem rumo.

Os mais valentes moacaras, chefes das tribos, esperavam pelo grande chefe da nação para abrir-lhes o caminho da guerra.

Os abarés meditaram. Eles não podiam inventar um guerreiro capaz de suceder a Itaquê; mas não se resignavam a abater a glória da nação, trocando o arco invencível do grande Tocantim por outro arco mais leve, que Pojucã manejasse.

Também Pojucã anunciara que, não podendo brandir o arco de Itaquê, jamais empunharia outro arco-chefe, menos glorioso do que o do grande Tocantim.

Abarés, chefes, moacaras, guerreiros, toda a nação se reuniu em torno do herói cego.

Daquele que durante tantas luas defendera a nação com a força de seu braço e a protegera com o terror de seu nome, esperavam ainda a salvação.

O velho ouviu a voz dos abarés, a voz dos chefes, a voz dos moacaras, a voz dos guerreiros, e disse:

– Itaquê ainda pode combater e morrer por sua nação; mas sem a luz do céu, ele não pode mais abrir a seus filhos o caminho da vitória.

"O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ela ser defendida agora pela palavra daquele, que não tem mais para dar-lhe senão a experiência de sua velhice?

"Pensem os abarés, os chefes, os moacaras e os guerreiros."

Guaribu respondeu:

– A nação pensou. Fala e todos obedecerão à tua palavra, como obedeciam ao braço de Itaquê.

– A voz do coração diz ao neto de Tocantim que a glória da nação que ele gerou não se pode extinguir. O sangue de Itaquê, passando pelo seio de Araci, se unirá a outro sangue generoso para brotar maior e mais ilustre.

“Assim a terra onde nasceu uma floresta de acajás recebe o limo do rio e gera nova floresta mais frondosa que a outra.

“Jacamim, chama Araci, a filha de nossa velhice. E vós, abarés, chefes, moacaras e guerreiros, segui-me.”

O velho herói atravessou a taba guiado por Araci.

A nação o seguia em silêncio.

Quando o guerreiro cego passava com a mão no ombro da virgem formosa que dirigia o seu passo incerto, os guerreiros lembravam-se do tronco já morto que a rama do maracujá ainda sustenta de pé junto ao penedo.

Os cantores iam adiante e entoavam um canto de paz.

***

Um mensageiro de Itaquê o precedera no campo dos araguaias.

Ubirajara, cercado de seus abarés, chefes, moacaras e guerreiros, veio ao encontro do morubixaba dos tocantins.

A alma do grande chefe araguaia encheu-se da alegria de ver Araci; mas ele retirou os olhos da esposa, para que o amor não perturbasse a serenidade do varão.

– Ubirajara está em face de Itaquê; para combatê-lo, se trouxe a guerra; para abraçá-lo, se trouxe a paz.

– Nunca Itaquê pediu a paz ao inimigo que trouxe-lhe a guerra, antes de o vencer; nem teria vivido tanto para cometer essa fraqueza. Ele vem trazer-te a vitória para que tu a repartas com seu povo.

O velho herói avançou o passo:

– Chefe dos araguaias, tu levaste a guerra à taba dos tocantins para conquistar Araci, a filha de minha velhice.

“Por teu heroísmo, e ainda mais pela nobreza com que restituíste a liberdade a Pojucã, tu merecias uma esposa do sangue de Tocantim.

“Mas desde que tu ameaçaste tomá-la pela força de teu braço, Itaquê não podia mais conceder-te a filha de sua velhice, senão depois que abatesse teu orgulho.

“Ele preparava-se para te combater, e à tua nação; mas fugiu-lhe dos olhos a luz que dirige a seta da guerra; e não há entre seus guerreiros um que possa brandir o arco do grande Tocantim.”

Quando pronunciou estas palavras, a voz do velho guerreiro soçobrou-lhe no peito:

– O arco de Itaquê é como o gavião que perdeu as asas e não pode mais levar a morte ao inimigo. As andorinhas zombam de suas garras.

“Empunha o arco de Itaquê, chefe dos araguaias, e tu conquistarás por teu heroísmo uma esposa e uma nação.

“À esposa farás mãe de cem guerreiros como Itaquê; e à nação, conservarás a glória que ela conquistou quando o filho de Javari a conduziu à guerra.

“Tupã dará a teu braço esta força para que o sangue de Itaquê brote mais vigoroso e os netos de Tocantim dominem as florestas.”

Ubirajara sorriu:

– Chefe dos tocantins, teus olhos não podem ver o grande arco da nação araguaia; mas pergunta à tua mão se o arco que Camacã brandia invencível e agora empunha Ubirajara, cede ao arco de Itaquê.

O velho herói palpou o arco-chefe dos araguaias e vergou-lhe a ponta ao ombro, como se a haste fosse de taquari.

Ubirajara travou do arco de Itaquê e desdenhando fincá-lo no chão, elevou-o acima da fronte. A flecha ornada de penas de tucano partiu.

O semblante de Itaquê remoçou, ouvindo o zunido que recordava-lhe o tempo de seu vigor. Era assim que ele brandia o arco outrora, quando as luas cresciam aumentando a força de seu braço.

O velho inclinou a fronte para escutar o sibilo de sua flecha que talhava o azul do céu. Os cantores não tinham para ele mais doce harmonia do que essa.

Ubirajara largou o arco de Itaquê para tomar o arco de Camacã. A flecha araguaia também partiu e foi atravessar nos ares a outra que tornava à terra.

As duas setas desceram trespassadas uma pela outra como os braços do guerreiro quando se cruzam ao peito para exprimir a amizade.

Ubirajara apanhou-as no ar.

– Este é o emblema da união. Ubirajara fará a nação tocantim tão poderosa como a nação araguaia. Ambas serão irmãs na glória e formarão uma só, que há de ser a grande nação de Ubirajara, senhora dos rios, montes e florestas.

O chefe dos chefes ordenou que três guerreiros araguaias e três guerreiros tocantins ligassem com o fio do crautá as hastes dos dois arcos.

Quando o arco de Camacã e o arco de Itaquê não fizeram mais que um, Ubirajara o empunhou na mão possante e mostrou-o às nações:

– Abarés, chefes, moacaras e guerreiros de minhas nações, aqui está o arco de Ubirajara, o chefe dos grandes chefes. Suas flechas são gêmeas, como as duas nações, e voam juntas.

Ambas as cordas brandiram a um tempo. A seta araguaia e a seta tocantim partiram de novo como duas águias que par a par remontam às nuvens.

Quando calou-se a pocema do triunfo, Ubirajara caminhou para a filha de Itaquê:

– Araci, estrela do dia, tu pertences a Ubirajara, que te conquistou pela força de seu braço. Agora que é senhor, ele espera a tua vontade.

A formosa virgem rompeu a liga vermelha que lhe cingia a perna e atou-a ao pulso de seu guerreiro.

Ubirajara tomou a esposa aos ombros e levou-a à cabana do casamento.

O jasmineiro semeava de flores perfumadas a rede do amor.

***

O outro sol rompia, quando os tapuias estenderam pela campina a multidão de seus guerreiros.

Na frente assomava Agniná, a montanha dos guerreiros, ainda mais feroz do que o irmão, o terrível Canicrã.

De um lado e do outro seguiam-se os chefes, cada um à frente de seus guerreiros.

Ubirajara escolheu mil guerreiros araguaias e mil guerreiros tocantins, com que saiu ao encontro dos tapuias.

Depois que desdobrou sua batalha pela campina, o chefe dos chefes caminhou só para o inimigo.

Quando chegava a meio do campo, os tapuias levantaram a pocema de guerra, que atroou os ares, como o estrépito da cachoeira.

Um turbilhão de setas crivou o longo escudo do herói, que ficou semelhante ao grosso tronco de juçara, eriçado de espinhos.

Ubirajara embraçou o escudo na altura do ombro, e com o pé brandiu sete vezes a corda do grande arco gêmeo.

As setas vermelhas e amarelas subiram direitas ao céu e perderam-se nas nuvens.

Quando voltaram, Agniná e os chefes que obedeciam a seu arco, tinham cada um fincado na cabeça o desafio do formidável guerreiro.

Enfurecidos mais pelo insulto do que pela dor, arremessaram-se contra o inimigo que os esperava coberto com seu vasto escudo.

Agniná era o primeiro na corrida e o primeiro na sanha. Após ele vinham os outros a dois e dois, lutando na rapidez.

Quando o esposo de Araci viu que eles se estendiam pela campina, como dois ribeiros que se aproximam para confundir suas águas, o herói empunhou a lança de duas pontas e soltou seu grito de guerra, que era como o bramir do jaguar, senhor da floresta.

Seu pé devorou o espaço; e a lança de duas pontas girou em sua mão, como a serpente que enrosca-se nos ares, silvando.

Caiu Agniná do primeiro bote; após ele caíram aos dois os chefes tapuias, como caem os juncos talhados pelo dente afiado da capivara.

Então o herói soltou seu grito de triunfo, que era como o rugido do vento no deserto:

– Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma uma serpente.

"Eu sou Ubirajara, o senhor das nações, o chefe dos chefes, que varre a terra, como o vento do deserto."

O herói estendeu a vista pela campina, e não descobriu mais o inimigo, que sumia-se na poeira.

Ubirajara lançou-lhe seus guerreiros, que tinham fome de vingança; porém o terror de sua lança dava asas aos fugitivos.

Desde esse dia nunca mais um tapuia pisou as margens do grande rio.

Ubirajara voltou à cabana, onde o esperava Araci.

A esposa despiu as armas de seu guerreiro, enxugou-lhe o corpo com o macio cotão da monguba, e cobriu-o do bálsamo fragrante da embaíba.

Encheu depois de generoso cauim a taça vermelha feita do coco da sapucaia; e aplacou a sede do combate.

Enquanto nas grandes tabas se preparava a festa do triunfo e o herói repousava na rede, Araci foi ao terceiro e voltou conduzindo Jandira pela mão.

– Jandira é irmã de Araci, tua esposa. Ubirajara é o chefe dos chefes, senhor do arco das duas nações. Ele deve repartir seu amor por elas, como repartiu a sua força.

A virgem araguaia pôs no guerreiro seus olhos de corça.

– Jandira é serva de tua esposa; seu amor a obrigou a querer o que tu queres. Ela ficará em tua cabana para ensinar a tuas filhas como uma virgem araguaia ama seu guerreiro.

Ubirajara cingiu ao peito, com um e outro braço, a esposa e a virgem.

– Araci é a esposa do chefe tocantim; Jandira será esposa do chefe araguaia; ambas serão as mães dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes, e o senhor das florestas.

***

As duas nações, dos araguaia e dos tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do herói.

Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.

Mais tarde, quando vieram os caramurus, guerreiros do mar, ela campeava ainda nas margens do grande rio.

Bibliografia

Abreu, Mirhiane Mendes de. *Ubirajara, herói épico*. Campinas: Dissertação de mestrado, IEL/Unicamp, 1997.

Alencar, José de. *Ubirajara*. 16ª ed., São Paulo: Ática, 1999.

Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* 33ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira.* 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

Santiago, Silvano. "Roteiro para uma leitura intertextual de *Ubirajara*". *In*: José de Alencar, *Ubirajara,* 16ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

Exercícios

1. Considere as seguintes afirmações:

I- Pode-se afirmar que o Romantismo brasileiro foi a manifestação artística que mais expressou o sentimento nacionalista desenvolvido com a independência do país.

II- Os romancistas românticos, preocupados com a formação de uma literatura que expressasse a cor local, criaram romances considerados regionais, mais pela temática do que pela linguagem.

III- A tendência indianista do Romantismo brasileiro tinha por objetivo a desmitificação do papel do índio na história do Brasil desde a colonização.

Quais estão corretas?

a) Apenas I
b) Apenas II
c) Apenas I e II
d) Apenas I e III
e) I, II e III

2. (PUC) *Iracema*, juntamente com *O guarani* e *Ubirajara*, constituem a trilogia dos romances indianistas de José de Alencar. Na poesia, Gonçalves Dias também exaltou o índio em textos como *I-Juca Pirama, Leito de folhas verdes, Marabá, O canto piaga*, além do poema épico *Os timbiras*. Pergunta-se: o que representou o Indianismo na literatura romântica brasileira?

3. (Fuvest-SP) Sobre o romance indianista de José de Alencar, pode-se afirmar que:

a) analisa as reações psicológicas da personagem como um efeito das influências sociais.
b) é um composto resultante de formas originais do conto.
c) dá forma ao herói amalgamando-o à vida da natureza.
d) representa contestação política ao domínio português.
e) mantém-se preso aos modelos legados pelos clássicos.

4. (Mack-SP) José de Alencar tenta mostrar um painel das relações do índio brasileiro com o homem europeu. Mostra, inclusive, o índio antes da chegada dos portugueses, o princípio de sua miscigenação, e, posteriormente, o mesmo já totalmente cristianizado, num estado de quase servidão em relação ao homem branco.

Assinale a alternativa em que aparecem, respectivamente, nomes de romances que exemplifiquem tais temáticas.

a) *Iracema — Ubirajara — O sertanejo*
b) *As minas de prata — Til — O sertanejo*
c) *Lucíola — A pata da gazela — Ubirajara*
d) *Ubirajara — Senhora — Til*
e) *Ubirajara — Iracema — O guarani*

5. (Unicamp-SP-2001) Em *Ubirajara*, tal como em *Iracema* e em *O Guarani*, José de Alencar propõe uma interpretação de Brasil em que o índio exerce um papel central.

a) Que sentido têm as sucessivas mudanças de nome do protagonista no romance?
b) Qual o papel das notas explicativas nesse romance? Do que elas tratam em sua maior parte?
c) Como o romance e suas notas tratam o ritual antropofágico, no empenho de construir uma visão do período pré-cabralino?

Respostas

1. C

2. O Indianismo representou o preenchimento do espaço vazio que a ausência de uma Idade Média brasileira deixou, ou seja, na falta de valores medievais para ser enaltecidos, os autores brasileiros idealizaram a figura do índio para ocupar um espaço histórico.

3. C

4. E

5.

a) O nome do protagonista muda de acordo com a situação vivida por ele em cada momento da narrativa. Inicialmente, é Jaguarê, o grande caçador da floresta; depois, é Ubirajara, o "senhor da lança", seu nome de guerreiro e chefe dos araguaias; por fim, usa o nome de Jurandir enquanto é hóspede dos tocantins.

b) As notas explicativas têm um duplo papel: primeiro, servem para dar verossimilhança à visão que Alencar apresenta do índio brasileiro; segundo, funcionam como suporte antropológico a essa visão. O segundo papel esclarece de que tratam as notas em sua maior parte: da cultura dos índios, de suas relações sociais e com a natureza, com base nos escritos dos vários estudiosos dos indígenas, desde a chegada dos portugueses ao continente americano.

c) As notas de Alencar pretendem apresentar a antropofagia como um ritual de guerra, visto de maneira idealizada pelo romancista: seria uma demonstração de coragem e nobreza do vencido, e um reconhecimento do valor do derrotado por parte do vencedor. O romance reflete a idealização ao se desenvolver de modo que o ritual sequer aconteça: por força do destino, Pojucã é libertado sem que precise se envergonhar por não ter sido sacrificado.